

DIARIO 4

ROMA CAPUT MUNDI?

Nesses dias de abril de 2025, ROMA voltou a ser, por um breve período, a capital do mundo.

O evento que desencadeou esta situação foi a morte prevista, mas não esperada de forma tão rápida, do Papa Francisco que no dia anterior ao seu falecimento, apesar de estar doente, havia aparecido no balcão da casa Santa Marta e descido com o papamóvel para encontrar os fiéis. Poucas horas depois a notícia do seu falecimento pegou todo o mundo de surpresa e provocou uma série de acontecimentos frenéticos. São aqueles momentos em que a história acelera.

Os primeiros a serem mobilizados foram os cardeais e os altos prelados da Cúria de Roma e de toda as partes do mundo para participar das cerimônias fúnebres e preparar o conclave com a organização e o esmero típicos da Santa Sé: rei e rainhas, príncipes, chefes de Estados e de governo, autoridades religiosas estiveram presentes para os ritos funerários de despedida em São Pedro deste Papa muito popular.

Ao mesmo tempo acontecia um outro evento que reunia milhares de pessoas, o Jubileu de 2025 nesses dias especificamente dedicado aos jovens.

Centenas de milhares de pessoas de todas as classes sociais e profissões religiosas, perambulavam pelos palácios e praças da cidade eterna, seguindo as filas ordenadamente, sem que houvesse tumultos, desordens ou violências durante as numerosas cerimônias de despedida do Papa do povo.

Este evento teve **múltiplos significados** e o debate sobre a sua relevância para a história da Igreja e do Mundo só começou e vai se espalhar rapidamente no tempo e no espaço como acontece com os grandes eventos históricos.

O principal significado foi a visibilidade que a Igreja católica adquiriu nos meios de comunicação e da internet competindo com os eventos de entretenimentos que dominam os programas televisivos e com os noticiários policiais e bélicos que todos os dias nos afligem com o medo de uma terceira guerra mundial.

A cidade eterna se tornou efetivamente o centro do mundo eclesiástico, político e diplomático.

Esta unanimidade ao redor da figura de um Papa que não foi convencional e que tentou revolucionar a Igreja não era necessariamente prevista. Muitos dos presentes, tanto no mundo religioso como laico, que lhe prestaram homenagem e reverência haviam sido (e alguns continuavam sendo) indiferentes, opositores e críticos do seu pontificado. Críticas ferozes e públicas haviam sido feitas pela ala mais conservadora da Igreja Católica, algumas chegando a pedir a demissão do Santo Padre. Mas, como se sabe, “a hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude” e ao lado dos milhares de fiéis que sentiram e sofreram profundamente a perda deste pastor, havia outros que haviam já fechado este capítulo da história e começado a pensar ao que aconteceria depois.

Eu não estava no meio da multidão e não pude partilhar os meus sentimentos; mas a impressão que se teve foi que não houve aquele sentimento profundo de perda e de tristeza coletiva que havia caracterizado a despedida de outros Papas carismáticos como, por exemplo João Paulo II, que até na hora da morte manifestava uma forte carga emotiva à qual era difícil resistir.

Três foram os aspectos principais sobre os quais o Papa mais insistiu nos seus 12 anos de pontificado: 1) o combate à pobreza e à desigualdade social que condena milhões de pessoas à morte e à uma vida indigna; 2) a condenação, seguindo o pacifismo absoluto do evangelho, da guerra como instrumento de opressão e de morte que não resolve nenhum problema, mas o agrava sacrificando milhões de vidas humanas; 3) o combate ao que ele chamava de clericalismo dentro da Igreja, ou seja,

o ofício ou a missão do padre como poder e privilégio e não com serviço ao próximo.

O Papa enfrentou esses temas nas homilias e nos inúmeros discursos que fez nos seus 47 viagens pela Itália e pelo mundo afora, mas sobretudo nas 10 encíclicas, entre elas as três principais: *Lumen Fidei* (2013), *Laudato si* (2015), *Fratelli tutti* (2020), que talvez fiquem na história como o seu maior legado, renovando e atualizando a doutrina social da Igreja.

É muito cedo para traçar um balanço deste pontificado, que, de qualquer maneira, marcou a história da Igreja e do Mundo: não podemos afirmar que a voz do Papa foi uma *vox clamans in deserto* como a de João Batista, porque o Santo Padre teve sempre uma audiência privilegiada, sobretudo aqui na Itália.

Mas podemos nos questionar sobre a eficácia desta mensagem: apesar da sua autoridade moral não conseguiu alcançar os objetivos que se propunha: a reforma da Cúria, o fim das guerras, a crise ecológica que ameaça a vida sobre a terra. Inclusive medidas menores, como uma maior participação das mulheres nos aparelhos eclesiais, avançaram muito lentamente e os temas sexuais se mantiveram no sulco da tradição com poucas mudanças.

Estes “fracassos” da mensagem do Papa podem ser vistos como um avanço do processo de secularização que está tomando conta da sociedade e da Igreja. O Papado é ainda uma instituição respeitada e influente, de mais de 2000 anos de história, um das poucas com autoridade que se opôs claramente e abertamente à guerra, mas a sua voz está perdendo autoridade e eficácia.

Mas sobre este tema tão importante falaremos numa próxima vez, solicitando a intervenção de quem quiser participara do debate sobre a Igreja e a secularização.

Giuseppe Tosi -Prof. Titular da UFPB

Busto Arsizio, Varese, Itália – 01 de maio de 2025 -Dia do Trabalho